

Ser negro(a) na sociedade brasileira o olhar de uma criança

Afirmar a identidade negra faz parte de um processo de ruptura com uma história de negação dessa identidade que foi, historicamente, inferiorizada e subjugada diante de um ideal estético-cultural eurocêntrico.

O processo de construção da identidade étnico-racial na sociedade brasileira revela-se bastante complexo. Contraindo-me ao "mito" da democracia racial, ainda persistente no discurso de muitos intelectuais, busco trazer ao diálogo o trabalho de uma menina negra, aluna da 3ª série de uma escola pública do município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, pois revela o que é ser negro(a) numa sociedade racista.

O desenho, retratando quatro meninas negras, traz um balão com a fala de cada uma: a primeira diz: *Eu sou morena*; a segunda: *Eu sou marrom*; a terceira: *Eu sou negra*; a quarta: *Há! Há! Ela é negra*.

Quanto ao texto escrito:

Nós que somos negros temos um problema?

Uma vez, eu estava brincando, aí veio um menino e perguntou: - Posso brincar? Aí eu falei: - Está certo. E ele respondeu: - Cala a boca, sua macaca, eu não estou falando com você, sua Chita.

Eu fui pra casa e comecei a chorar.

E falei: tenho vergonha de ser preta.

Que rico trabalho para ser analisado teoricamente! Mas qualquer pessoa que o faça não dará conta do sentido da experiência vivida pela menina. Já de início ela apresenta as crianças negras atribuindo-se diferentes classificações em relação à cor. O que tentamos explicar teoricamente, uma criança faz na prática, porque *sente na pele o que é ser negra* na sociedade brasileira. Ela destaca que os negros têm um "problema" e evidencia ser apenas um dos inúmeros exemplos de crianças negras que crescem reconhecendo-se como um "problema" e deparando-se com "problemas", com obstáculos na sociedade e, por consequência, na escola.

Em um primeiro momento, ao ler o texto em que diz envergonhar-se de ser "preta", não é só a negação do "ser como é" ou "ser o que é" que se explicita, mas a afirmação de uma identidade negada hegemonicamente que é denunciada pela escrita e pela imagem, pois ela se identifica na primeira pessoa do plural e não no singular: *Nós que somos negros temos um problema?*. Não fala individualmente, fala enquanto coletivo, incluindo todos(as) que se encontram em condição inferiorizada.

Há um processo ambíguo de afirmação e negação da identidade e ele parece ser explicitado pela menina negra que afirma/nega, mas denuncia o lugar de "outro" na História, pois o "eu" já está ocupado pelo branco. As relações estabelecidas entre o eu e o outro são conflituosas, pois a sociedade brasileira, de cunho assimilacionista, estabeleceu como modelo e padrão, o branco, ocidental, cristão "o eu" "parâmetro, referência para o "outro", que a esse modelo deve assemelhar-se.

Se a criança identifica que "nós" temos um "problema", é sinal de que *nós*, considerados "outros" não são exceção, e, ainda assim, têm um "problema". Portanto, o preconceito racial é "invisibilizado", silenciado, negado e o que se encontra por trás das "evidências invisibilizadas" são as relações hierarquizantes de poder, pautadas pela lógica da homogeneização, da semelhança, da igualdade, que estigmatiza e inferioriza o que é diferente do "eu", desqualificando-o e tratando-o como desigual e inferior.

Assim, afirmar a identidade negra faz parte de um processo de ruptura com uma história de negação dessa identidade que foi, historicamente, inferiorizada e subjugada diante de um ideal estético-cultural eurocêntrico. O reconhecimento das raízes africanas como potenciais na sociedade brasileira podem possibilitar a afirmação e valorização da identidade negra e nosso papel como educadores(as) é fundamental nesse sentido.